

# PROMETEUS

## FILOSOFIA EM REVISTA

VIVA VOX- DFL- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Ano 3 - no.6 Julho-Dezembro / 2010

---

### REFLEXÃO SOBRE A ALIENAÇÃO E A IDEOLOGIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH HEGEL

Fábio Luiz Tezini Crocco  
Mestre em Filosofia  
UNESP/Marília

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo último realizar um estudo sobre a ideologia, enquanto pseudoconsciência, na teoria de Friedrich Hegel. Realizaremos uma análise da introdução à sua filosofia idealista, a *Fenomenologia do Espírito* (1806-1807), na qual o pensador apresenta as bases de seu pensamento dialético. As primeiras seções da *Fenomenologia* são dedicadas à fundamentação teórica do idealismo hegeliano em mediação com as concepções filosóficas que o antecedem, processo este que é analisado como os distintos estágios da razão. O conhecimento caminha progressivamente de um saber incompleto em direção ao saber absoluto. A teoria dialética de Hegel instaura um pensamento histórico da filosofia, no qual apresenta processualmente o conhecimento humano.

**Palavras-chaves:** ideologia, alienação, pseudoconsciência, razão e dialética.

**Abstract:** This article aimed to accomplish a study on the ideology while pseudo conscience in Friedrich Hegel's theory. We are going to analyze the introduction of his idealist philosophy, the *Phenomenology of the Spirit* (1806-1807), wherein the author presents the basis of his dialectic thoughts. The first sections of the Phenomenology are dedicated to the theoretical fundamentals of hegelian idealism in mediation with the philosophical conceptions that precede it, which is analyzed as the distinct stages of the reason. The knowledge move forward progressively from an incomplete knowledge towards the absolute knowledge. Hegel's dialectic theory establishes a historical reflection of the philosophy, in which he presents the human knowledge inserted in a process.

**Keywords:** ideology, alienation, pseudo conscience, reason and dialectic.

## **Introdução:**

Serão realizadas neste artigo algumas reflexões sobre a questão da alienação e da ideologia no idealismo hegeliano, e a transformação do pensamento moderno promovida pela dialética idealista de Friedrich Hegel, que influenciou profundamente as abordagens posteriores sobre a ideologia. Com a finalidade de estabelecer, assim como Bacon em sua teoria dos ídolos, uma correção do intelecto, Hegel se indagou sobre a falsa consciência apresentada nas filosofias que o antecedem, no senso-comum ou no imediatismo dos sentidos.

A positividade<sup>1</sup>, fruto da teoria da alienação hegeliana, representa o conhecimento sensível e imediato dos fatos e possui duas interpretações na obra de Hegel: primeiramente, no período que foi preceptor de Berna (1793/06) Hegel realiza um primeiro esboço da teoria da alienação, na qual a positividade era analisada como conceito pejorativo, ideológico por não penetrar na essência dos objetos nem por realizar uma mediação com o sujeito conhecedor. Entretanto, posteriormente, na obra *Fenomenologia do Espírito* (1806-1807), já considerada obra de sua maturidade intelectual, o conceito de positividade se torna um conhecimento que serve ao espírito na superação processual de seus estágios de alienação em direção a um conhecimento racional absoluto. Esta obra antecipa e apresenta traços da lógica hegeliana que transformou o pensamento moderno. O idealismo de Hegel pretende, através do movimento dialético, restaurar a unidade e a totalidade perdidas pela separação do sujeito e objeto, promovendo a mediação e a contradição entre estes. A filosofia dialética de Hegel instaura um pensamento histórico da filosofia, no qual apresenta processualmente o conhecimento humano.

Hegel é contemporâneo do Iluminismo que promoveu, na França, profundas transformações intelectuais, políticas e sociais. No século XVIII suas características principais foram as políticas efetivas em direção a uma sociedade determinada pela razão, superando assim, os dogmas e superstições remanescentes da Religião e do sistema feudal. Diferentemente, a “Alemanha”, vizinha da França revolucionária, no

---

<sup>1</sup> Positividade representa a compreensão imediata e superficial do objeto que se encontra separado do sujeito cognoscente, e por isso, sem uma reflexão do movimento deste objeto em relação ao sujeito.

final do século XVIII apresentava-se fragmentada, sem um poder unificado e autônomo, e sem a possibilidade de realizar uma transformação efetiva da realidade. Diante às teorias do materialismo francês e posteriormente dos *ideólogos* que pretendiam realizar uma intervenção política em busca da liberdade, pensadores alemães como Hegel e Schelling, diferentemente realizaram uma intervenção a partir das idéias em busca da liberdade. Justamente por este motivo Marcuse afirma que “ao idealismo alemão cabia apenas se ocupar com a idéia de liberdade” (1988, p.18). Hegel fundamentou seu sistema teórico na noção de liberdade como um valor interior, como autoconsciência. Assim, podemos afirmar que o idealismo alemão é influenciado pela conturbada situação política e material do “país”, impossibilitado imediatamente de grandes transformações. A cultura é essencialmente idealística e pretende manter-se acima da realidade miserável e intolerável, por isso, a liberdade de pensamento é o cerne de toda a ciência, arte, religião, filosofia representada como a “verdadeira realidade” (MARCUSE 1988, p. 27).

Em nosso estudo sobre a ideologia dialogaremos principalmente com a obra *Fenomenologia do Espírito* que foi concebida e escrita por Hegel exatamente com o objetivo de purificar a consciência empírica e elevá-la *mediatamente* ao Espírito e ao saber absoluto. Ao analisarmos o conceito de ideologia em Hegel, ou melhor, a pseudoconsciência, devemos nos indagar sobre as análises das teorias filosóficas que o antecedem, como é o caso do inatismo, do empirismo e do idealismo crítico kantiano. Hegel não apresenta diretamente trabalhos sobre o conceito de “ideologia”, mas realiza um estudo sobre a alienação que pretende superar a positividade e elevar a consciência.

### **Hegel e a análise da ideologia:**

A análise hegeliana pretende realizar uma abordagem que medeie os dois lados da “coisa”. A crítica da ideologia, nesta perspectiva, possui seu momento falso, mas também verdadeiro. Ao examinar o conceito de ideologia em vias de formação, fundamentado por Bacon na “teoria dos ídolos” e desenvolvido nos sistemas metafísicos da época, notamos que sua verdade consistia na crítica aos sistemas dogmáticos e em todos os obstáculos para o desenvolvimento de uma razão livre, entretanto sua falsidade consistia na suposição de um sujeito fixo, dotado de uma consciência inata, cuja

pseudoconsciência é sua parte constitutiva, e cuja fundamentação racional de sua verdade era ainda assegurada por Deus. Em contradição direta com os inatistas do século XVII, as teorias empiristas também possuem seu momento verdadeiro e seu momento falso. Sua verdade consiste em destruir a fundamentação científica dos inatistas, afirmando que a razão não é assegurada por um ente divino, mas pela experiência sensível. A causa da razão, que é a experiência sensível particular, contém nela própria seu momento de falsidade, pois promove a crise das ciências pela dissolução da universalidade, afirmando apenas o conhecimento das particularidades. Kant, por sua vez, diante deste conflito nega tanto os inatistas quanto os empiristas. Para estes, a verdade encontrava-se nos objetos e não no sujeito conhecedor, a verdade é extremamente objetiva. Entretanto, Kant promove, como é apresentada em sua obra *Crítica da Razão Pura* (1781), a chamada “Revolução Copernicana” que consistia em colocar o sujeito no centro do processo do conhecimento. Não é o sujeito que, no processo de conhecimento, descobre as leis do objeto, mas ao contrário, é o objeto que, neste processo, se adapta às leis do sujeito que o conhece. A possibilidade de um conhecimento racional, universal e necessário se daria no sujeito através das categorias *a priori* da sensibilidade e do entendimento, porém os sujeitos conheceriam parcialmente as coisas, não chegariam à profundidade de suas essências. Diferentemente do inatismo da razão e também a experiência sensível como causa da razão que pretendiam conhecer a substância dos objetos, Kant afirma a impossibilidade de conhecer a coisa-em-si, pois a razão não está nas coisas, nos objetos externos, a razão é sempre subjetiva.

Ao se deparar com tais conflitos entre as filosofias, Hegel demonstra a importância de uma teoria que mediasse estas contradições, que apresentasse processualmente o desenvolvimento da razão. Esse projeto seria exposto na *Fenomenologia do Espírito* como uma introdução à filosofia hegeliana, na qual apresentaria a “história imanente da experiência humana”. Esse conflito teórico é fruto de um processo histórico importante e necessário para o desenvolvimento da razão, cada tese apresentada nas determinadas teorias é verdadeira, porém parcial, teses e antíteses que no pleno movimento de suas contradições caminham para o desenvolvimento do conhecimento absoluto.

É exatamente estes momentos parciais e contraditórios que Hegel chama de alienações, pseudoconsciências. O “erro” na filosofia hegeliana, principalmente a partir da *Fenomenologia*, possui uma importância crucial, pois é através dele que o movimento contraditório e a superação promovida pelo método dialético se concretizam. A alienação na teoria hegeliana não é necessariamente um momento fixado, é um momento incompleto da verdade do fenômeno, ou uma unidade imatura. Esse momento supõe a verdade, erroneamente, na fixação do momento do objeto ou do momento do sujeito, mas é justamente na contradição e na mediação entre estes que se constituirá sua verdade. Hegel analisou o desenvolvimento da consciência humana até a fase de autoconsciência, aquela cuja compreensão permite ao homem analisar o mundo e, em consequência, ordenar as próprias ações. Essa fase seria precedida pela própria razão, pela compreensão do real, graças à qual o espírito alcançaria o saber absoluto e reconheceria no mundo as fases de sua própria razão. Estas fases precedentes foram definidas por Hegel como “alienações”, enquanto criações da mente humana que, todavia, são consideradas como independentes da mente humana e superiores a ela. (MCLELLAN, 1996, p.68-69). Sobre este aspecto do pensamento hegeliano, Marcuse comenta que:

A história está dividida em diferentes períodos, marcando cada um deles um nível distinto de desenvolvimento, e cada um deles representando um estágio definido de realização da razão. Cada estágio deve ser compreendido e entendido como uma totalidade através das maneiras dominantes do pensar e do viver que o caracterizam, através de suas instituições políticas e sociais, de sua ciência, religião e filosofia. Existem estágios diferentes da realização da razão, mas há apenas uma razão, da mesma forma que há apenas uma totalidade e uma verdade: a realização da liberdade. (MARCUSE, p.21, 1988).

Foi na Alemanha do final do século XVIII e início do século XIX, considerada uma sociedade caótica, contraditória e complexa, que Hegel questionaria as reflexões de Kant sobre uma realidade antagonista (que consolida o mundo cindido) dependente do sujeito, e proporia uma realidade processual não definitiva, mas superável dialeticamente. Hegel irá localizar na Razão a única possibilidade de desenvolvimento humano e liberdade. Também, diferente dos empiristas, possibilita pensar o sujeito não apenas como um receptáculo passivo do conhecimento da realidade, mas também como

criador desta realidade. A objetividade histórica da realidade é atribuída à ação humana realizada no mundo por meio de seu trabalho. A mediação da atividade subjetiva com a realidade é consequência das objetivações e subjetivações das forças humanas. Tais atividades possuem caráter universal uma vez que as ações do homem só são possíveis por meio da exteriorização ativa dos conceitos puros, como o trabalho do espírito que por consequência cria também o mundo material. A objetivação caracteriza-se pela exteriorização das forças essenciais do homem. A teoria hegeliana da alienação sustenta-se nesta objetividade.

Na teoria hegeliana, tudo é *Espírito* ou *idéia* em movimento. Tal movimento tem como sujeito o *Espírito* que é constituído pela história e pela natureza. A *idéia* segundo a qual a história do homem pode ser considerada a história do *Espírito* está apresentada claramente na *Fenomenologia do Espírito*, onde Hegel apresenta a “história imanente da experiência humana” (2002). A consciência é apresentada nesta obra desde o estágio da certeza sensível até o momento da autoconsciência. Caracterizada como este último momento, a consciência produzida por si é desenvolvida através de uma via espiritual que é o conceito, a razão.

O processo de objetivação antecede a autoconsciência, que ocorre quando o *Espírito* se exterioriza em um objeto, passa a ser o outro, uma contraposição de si. Entretanto, no final de todo o processo o *Espírito* percebe que o objeto externo é ele próprio objetivado. A alienação consiste justamente neste ser-outro do *Espírito*, que se separa e exterioriza-se no objeto, e que por fim, é ele próprio o *Espírito*. A alienação é a incapacidade do Espírito em perceber sua exteriorização nos objetos. A consciência realiza um duplo movimento, primeiramente ela aliena-se no objeto e posteriormente - momento este que já estava presente desde o começo - ocorre o retorno à consciência como superação da alienação. A consciência retorna a si mesma e percebe o objeto como algo propriamente seu.

A alienação na teoria hegeliana possui um caráter transitório e aparente, ela sempre tende a desaparecer, pois já está implicitamente superada. A alienação tem um significado “negativo” e um “positivo”. Seu aspecto “positivo” consiste na superação do “negativo” do objeto externo, enquanto superação do ser-outro e como retorno à consciência. A alienação é um momento necessário para que o *Espírito* tenha a capacidade de tomar consciência de si mesmo. A partir do auto-conhecimento o *Espírito*

é capaz de apreender uma realidade que por mais que parecesse estranha a ele já estava presente nele mesmo desde o início. Os objetos nada mais são do que exteriorizações do próprio *Espírito*. A alienação é condição das objetivações humanas, por isso é fundamental para que a consciência possa se processar. É um momento “aparente” da saída do *Espírito*, pois sua unidade original nunca é perdida.

A análise hegeliana sobre a alienação demonstra um outro momento do desenvolvimento do conceito. Diferentemente da crítica moralizante da alienação que era realizada pelos iluministas<sup>2</sup>, Hegel pretende abordar a superação da alienação não como um valor ético ou moral, mas sim como uma possibilidade de emancipação através da razão. Entretanto, essa busca emancipatória ocorre no plano conceitual e abstrato. Para Hegel, as próprias contradições sócio-econômicas são produtos do *Espírito*, do pensamento, o que demonstra o caráter especulativo e abstrato da teoria hegeliana. O idealismo alemão é influenciado pela conturbada situação política e material da “Alemanha”, impossibilitada imediatamente de grandes transformações. Os problemas e conflitos da realidade não são resolvidos na objetividade prática das ações e relações humanas como posteriormente diria Marx, mas por meio da superação abstrata da alienação que idealisticamente caminha para a autoconsciência conceitual.

A preocupação hegeliana sobre o fenômeno da alienação consiste numa interpretação parcial da realidade que separa o exterior do interior, o sujeito do objeto. Por isso, a ideologia, como pseudoconsciência, apresenta-se na filosofia hegeliana precisamente nesta cisão, na separação do sujeito e objeto, e, portanto, numa filosofia sem História. Por mais que a linguagem separe o sujeito e o objeto, ambos fazem parte do Espírito, e uma abordagem dialética da realidade não pode permitir esta cisão. No primeiro capítulo da *Fenomenologia* de Hegel o leitor descobre que, por trás da cortina da aparência não há uma coisa-em-si desconhecida, mas o sujeito que conhece. Para Hegel, então, a autoconsciência é a essência das coisas. Diz-se, habitualmente, que este

---

<sup>2</sup> A teoria de Jean-Jacques Rousseau sobre a alienação humana pode ser citada como exemplo de crítica moralizante, pois possui uma contradição interna. Por um lado é sensível aos fenômenos da dominação e exploração que promovem a miséria e a servidão, por outro, sustenta a manutenção das instituições existentes transplantando os problemas sociais para o plano da imaginação, para o plano moral. Rousseau propõe uma solução moral e abstrata, pois afirma que os problemas sociais seriam solucionados através de uma educação moral dos homens.

foi o passo de Kant a Hegel, isto é, do idealismo crítico ao idealismo absoluto. As três primeiras seções da *Fenomenologia* constituem uma crítica ao pensamento cindido. Sua reflexão filosófica apresenta três momentos inter-relacionados, os quais consistem na dialética hegeliana: momento do objeto, momento do sujeito e relação entre eles.

Podemos considerar como momento do objeto a relação entre certeza sensível e coisidade, pela articulação entre particular e universal. Os objetos da percepção são coisas inalteráveis, não se modificam com as transformações do tempo e espaço. As particularidades que formam as coisas não se modificam. Já a coisidade pode ser considerada a totalidade das propriedades, (das particularidades), que formam essa coisa. “Toda determinação sensível é universal quando assim tomada na coisidade” (HYPPOLITE, 1999, 120-121). A coisidade é o universal e não pode ser sentida nem tocada. Em seu comentário Hyppolite afirma que:

A coisidade, o Universal, que se exprime nessas diversas determinidades que são seus atributos, é uma determinação de pensamento que nunca se dá a sentir; se se quiser, ela é a substância, o ‘também’ que reúne todas essas determinidades, o meio em que coexistem. ‘Portanto, esse também é o puro universal mesmo ou o meio, é a coisidade reunindo a todas essas propriedades. (HYPPOLITE, 1999, p.121).

Entretanto os sentidos não percebem apenas a coisidade (totalidade), mas também uma coisa determinada em-si e para-si, percebe-se também seu contrário.

O Uno é o momento da negação tal como ele mesmo, de uma maneira simples, se relaciona consigo e exclui o Outro; e mediante isso, a coisidade é determinada como coisa. Na propriedade, a negação está como determinidade, que é imediatamente um só com a imediatez do ser –o qual, por essa unidade com a negação, é a universalidade. A negação, porém, é como Uno, quando se liberta dessa unidade com seu contrário, e é assim para si mesma. (HEGEL, 2002, p.97-98).

Desejamos demonstrar que na teoria hegeliana as coisas não são somente universais, são ainda singulares e a consciência que percebe o mundo enxerga tal contradição. Esta contradição não pode ser evitada, pois os objetos que percebemos são simultaneamente Universais e Particulares. Se a coisa é percebida pelas suas partes –

uno negativo – ela perde sua independência e só resta uma coisa sem determinações. Já se estão justapostas (coisidade), sua independência está salva, mas é a coisa única (particular) que está perdida.

Antes de falarmos do momento subjetivo para a perspectiva hegeliana, e já fazendo parte dela, é preciso notar que a percepção encontrava-se – e ainda encontra-se presa às concepções *empiristas* e também àquelas concebidas por Kant em sua *Analítica Transcendental*. Esta visão remete a contradição a uma deficiência do sujeito que percebe. A coisa em si seria idêntica a si mesma, e a multiplicidade de qualidades (a coisidade) decorreria de um olhar imperfeito do sujeito que a percebe. Nestas perspectivas a coisa é o “uno” e a diversidade está na percepção subjetiva. Hyppolite comenta que:

O critério da verdade para a consciência que percebe será, portanto, a busca da igualdade do objeto consigo mesmo e a exclusão de toda alteridade nele presente. Se há uma contradição, ela só pode estar na consciência, e o objeto, o verdadeiro, é o não-contraditório. Assim procedem o pensamento comum e o pensamento dogmático que lhe dá continuidade; vêm na contradição o signo de nossa reflexão em nós mesmos e fora do verdadeiro. (HYPPOLITE, 1999, p.123).

A contradição está na consciência humana e não na coisa exterior observada, essas visões tradicionais promovem a separação entre a coisa que é considerada uma e a multiplicidade (diversidade) que se encontra no sujeito que a percebe. Assim a coerência da coisa está salva (fixada) e sua verdade de ser uno é preservada.

Hegel se indaga sobre esta questão e questiona se neste caso em que a coisa-em-si é o uno e se em nossa consciência encontra a contradição como é possível distinguir as coisas? Notamos que segundo esta explicação não é possível diferenciar uma coisa da outra. Como Hegel resolve esta questão? Em sua teoria é promovida uma inversão. A coisa não é uma em si mesma, mas sim particular, o que une as propriedades é o Espírito. Segundo um destacado comentador,

Ocorre que, se a diversidade é assim na coisa, é sob a forma de uma multiplicidade indiferente, e somos nós que nela introduzimos a unidade – como se vê, hipótese inversa à precedente. A ‘coisa em si’ é branca, cúbica, sávida etc, sua unidade é obra somente nossa. O que

une as propriedades é um ato do espírito uniforme em todas as percepções. (HYPPOLITE, 1999, p.129).

Ao realizar a percepção do objeto notamos que este possui uma contradição interna a ele mesmo, pois inicialmente ele se apresenta através de suas particularidades, mas estas particularidades para ter sentido devem possuir uma unidade. A contradição encontra-se em notar que a unidade desta coisa só pode ser constatada por meio de suas particularidades que as diferenciam de outros objetos. Assim, o objeto é múltiplo e é único porque pode ser diferenciada de outros objetos através do sujeito que localiza nele tal unidade.

Hegel demonstra a inutilidade de evitar a contradição e critica as ilusões propagadas pelo empirismo e pelo kantismo que afirmam a existência de uma coisa-em-si independente dos fenômenos. Afirma que a coisa se constitui nos fenômenos, na relação com o outro. Marcuse em sua análise sobre a teoria hegeliana constata esta afirmação: “A unidade da coisa não só se determina, como se constitui, por sua relação com outras coisas, e sua coisidade consiste nesta relação mesma”. Em continuidade, Marcuse demonstra como essa relação se estabelece tomando como exemplo o sal:

O sal, por exemplo, só é o que é porque se relaciona ao nosso gosto, à comida a que é adicionado, ao açúcar, etc. A coisa sal, com toda certeza, é mais do que a mera ‘associação’ de tais relações; é uma unidade em si e por si; mas tal unidade só existe nestas relações, e não é nada ‘por trás’ ou fora delas. A coisa vem a ser ela mesma através da sua oposição a outras coisas; ela é, como diz Hegel, a unidade dela mesma com seu oposto, ou, do ser-por-si com o ser-por-outro. Em outras palavras, a própria ‘substância’ da coisa deve ser extraída da sua relação auto-estabelecida com as outras coisas. (MARCUSE, 1988, p.110).

Diferentemente das visões anteriores não há uma coisa-em-si anterior a esta relação. As coisas dependem de suas relações com o outro para se formarem e a contradição entre o ente e seu contrário é fundamental neste processo. Para Hegel:

Assim a consciência saiu também desse segundo modo do perceber, que era tomar a coisa como o verdadeiro igual-a-si mesmo, e, ao contrário, tomar-se a si mesma como o desigual; como o que retorna a si [saindo] para fora da igualdade. O objeto agora é para ela o

movimento todo, antes dividido entre o objeto e a consciência. A coisa é Uno, sobre si refletida; é para-si, mas também é para um Outro. Na verdade, é para-si um Outro [o oposto] do que é para Outro. (HEGEL, 2002, 103).

### **Considerações finais:**

A dialética hegeliana procura demonstrar que a contradição só pode ser compreendida pelo todo. O verdadeiro é o todo, e este se mostra na História que é expressão do Espírito. Diferente do inatismo e do empirismo que buscam conhecer a substância do objeto e do kantismo em que a coisa-em-si é incognoscível, para Hegel a coisa se mostra em seu movimento, não se mostra completamente, mas sim em partes, pois o absoluto não pode ser acessado imediatamente ele depende da mediação histórica. A ideologia na análise hegeliana se apresenta como pseudoconsciência e consiste no processo de desenvolvimento evolutivo da razão que revela em seus movimentos os pensamentos parciais da verdade. Hegel critica a separação entre sujeito e objeto que fixa o movimento dialético e nega a contradição da totalidade. Também é crítico do senso comum e do pensamento científico tradicional que analisa o mundo imediatamente sem uma reflexão negativa e contraditória, critica o conhecimento que separa o objeto do sujeito que conhece. Esse é o conhecimento sem movimento que domina e manipula os objetos. Segundo Marcuse, “o mundo será hostil e falso enquanto o homem não destruir a objetividade morta e se reencontrar, bem como sua própria vida, “por trás” das formas rígidas das coisas e leis” (MARCUSE, 1988, 114). A crítica deste conhecimento fixo é a base para a futura dialética materialista de Marx e Engels. Assim, a teoria dialética de Hegel pretende conhecer o processo da totalidade para que seja possível a autoconsciência que é alcançada ao notar as contradições da realidade e seus movimentos, pelo reconhecer-se como parte da totalidade histórica.

### **Referências Bibliográficas:**

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, U.S.F., 2002.

HYPPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

MARCUSE, H. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso, 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MCLELLAN, D. A concepção materialista da história. In. *O marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.